

A JUVENTUDE QUER VIVER



Mário Gaudêncio - Hiera Ruth da S. Câmara
(Organizadores)

Carla Jordânia de A. Costa - Wilma M. de Almeida -
Yure da S. Paiva - Isa Maria da S. Câmara - Romana
B. da Silva - Jucilene Dias - Clayton Antônio de M.
Oliveira - Daniely Barbosa - Lauro Júnior - Rúbia
Nascimento



A JUVENTUDE QUER VIVER

A JUVENTUDE QUER VIVER

Mário Gaudêncio e Hilar Ruth da S. Câmara
(Organizadores)

Carla Jordânia de A. Costa - Wilma M. de Almeida -
Yure da S. Paiva - Isa Maria da S. Câmara - Romana
B. da Silva - Jucilene Dias - Clayton Antônio de M.
Oliveira - Daniely Barbosa - Lauro Júnior - Rúbia
Nascimento



Mossoró-RN

2012

©2012. Mário Gaudêncio e Hiara Ruth da S. Câmara (Organizadores), Carla Jordânia de A. Costa, Wilma M. de Almeida, Yure da S. Paiva, Isa Maria da S. Câmara, Romana B. da Silva, Jucilene Dias, Clayton Antônio de M. Oliveira, Daniely Barbosa, Lauro Júnior e Rúbia Nascimento. Reservam-se os direitos desta edição à Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) da Diocese de Mossoró-RN. Esta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio, sem a prévia autorização, deste que a entidade tenha sua fonte citada. A violação dos direitos do autor (Lei n. 9610/1998) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Comissão Diocesana

Camila M. de Oliveira (Umarizal-RN), Carla J. de A. Costa (Grossos-RN), Francisco A. da Silva (Governador Dix-Sept Rosado-RN), Hiara R. da S. Câmara (Mossoró-RN), Lázaro G. Bezerra (Assu-RN), Leandro X. de Freitas (Alexandria-RN), Rosineide F. da Silva (Mossoró-RN), Tiago A. da Silva (Mossoró-RN), Tiago F. de Queiroz (Assu-RN) e Thyanne P. S. de Oliveira (Assu-RN).

Equipe de Serviço

Antônio N. do Monte, Atilas R. J. de Oliveira, Clayton A. de M. Oliveira, Francisco R. D. da Silva, Hermínia C. S. Falcão, Ivânia M. da Fonseca, Jorge B. de Souza, Mário Gaudêncio, Raimundo J. da Silva, Regilda R. de Souza, Suane M. C. S. de Azevedo e Zenóbio de Oliveira.

Capa, Diagramação e Normalização Bibliográfica

Mário Gaudêncio (CRB-15/476)

Revisão

Hiara Ruth da Silva Câmara

Editoração, Impressão e Acabamento

PJMP – Diocese de Mossoró/RN

Pastoral da Juventude do Meio Popular

Rua Pe. João Urbano, 15 - Alto da Conceição - Mossoró-RN - CEP: 59600 - 330 - www.pjmpmossoro.multiply.com - pjmpmossoro@gmail.com - (84) 9992-7555 / 9449-8942 / 8841-4114

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Universitária Campus Angicos (BCA-UFERSA)

J97 A Juventude quer viver / organizadores, Mário Gaudêncio, Hiara Ruth da S. Câmara ; autores, Carla Jordânia de A. Costa ... [et al.]. – Mossoró, RN : PJMP; Diocese de Mossoró, 2012.

52 p.

1. Juventude. 2. Violência. 3. Problemas sociais. 4. Cristianismo. 5. PJMP – Igreja Católica. I. Gaudêncio, Mário. II. Câmara, Hiara Ruth da S. III. Costa, Carla Jordânia de A. IV. Almeida, Wilma M. de. V. Paiva, Yure da S. VI. Câmara, Isa Maria da S.; VII. Silva, Romana B. da. VIII. Jucilene Dias. IX. Oliveira, Clayton Antônio de M. X. Barbosa, Daniely. XI. Júnior, Lauro. XII. Nascimento, Rúbia. XIII. Título.

CDD 261.8

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
Hiara Ruth da Silva Câmara	
Mário Gaudêncio	
1 JUVENTUDE E VIOLÊNCIA	10
Rúbia Nascimento	
Dany Barbosa	
2 VIOLÊNCIA ATRAVÉS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.....	14
Carla Jordânia de Albuquerque Costa	
3 VIOLÊNCIA CONTRA A FAMÍLIA	17
Wilma Mesquita de Almeida	
4 VIOLÊNCIA CONTRA O MEIO AMBIENTE... 	20
Yure da Silva Paiva	
5 BANALIZAÇÃO DA SEXUALIDADE	23
Jucilene Dias	
REFERÊNCIAS.....	26
6 ESPIRITUALIDADE PARA UMA AÇÃO TRANSFORMADORA.....	27
Isa Maria da Silva Câmara	
6.1 MÍSTICA E ESPIRITUALIDADE.....	28
6.2 ESPIRITUALIDADE NO CONFLITO.....	30

7 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UM ASSUNTO NOSSO	32
Romana Barros da Silva	
8 JUVENTUDE NO MUNDO DO TRABALHO ...	36
Clayton Antônio de Miranda Oliveira	
Lauro Júnior	
REFERÊNCIAS	40
9 LIDERANÇA COMO FORMA DE COMBATER O EXTERMÍNIO DE JOVENS	41
Sale Mário Gaudêncio	
9.1 INTRODUÇÃO.....	41
9.2 LIDERANÇA.....	42
9.3 A JUVENTUDE EMPOBRECIDA E OPRIMIDA	45
9.3.1 Dores manifestadas em extermínio.....	46
9.3.2 Superando as dores e alcançando a libertação	47
9.4 CONCLUSÕES	50
REFERÊNCIAS	51
ANEXO A – SITES INTERESSANTES	53

APRESENTAÇÃO

Hiara Ruth da Silva Câmara¹

Mário Gaudêncio²

Este subsídio foi desenvolvido para auxiliar o jovem do meio popular, a fim de que ele tenha em mãos um conteúdo capaz de favorecer o bom debate e contribuir para algumas reflexões em torno da temática “Violência e Extermínio de Jovens”.

O título do livro “A Juventude Quer Viver” é alusivo ao tema do “I Congresso Diocesano da Pastoral da Juventude do Meio Popular-PJMP” que entre os dias 16-18 de setembro de 2010 discutiu formas e/ou saídas estratégicas para minimizar o problema do “massacre juvenil”, principalmente

¹ Graduanda em Gestão Ambiental (UERN), Secretária Diocesana da PJMP (Mossoró-RN) e Membro da Comissão Diocesana das CEB's (Mossoró-RN).

² Bacharel em Biblioteconomia e Documentação (UFRN), Especialista em Gestão Educacional e da Criatividade (FIP), Bibliotecário e Coordenador Editorial (UFERSA) e Assessor da PJMP Diocesana (Mossoró-RN).

em áreas de vulnerabilidade social, cultural, educacional e espiritual.

O presente documento mostra oito olhares em forma de artigos, além de um texto bônus que tratam das diversas formas de dores juvenis.

Assim, frente à vontade de discutir, propor e direcionar ações este instrumento de trabalho abordará provocações em torno dos eixos: a) Juventude e Violência; b) Violência Através dos Meios de Comunicação; c) Violência Contra Família; d) Violência Contra o Meio Ambiente; e) Banalização da Sexualidade; f) Espiritualidade para uma Ação Transformadora; g) Violência no Mundo do Trabalho; h) Violência Contra a Mulher; i) Liderança como Forma de Combater o Extermínio de Jovens (texto bônus).

Desejo uma boa leitura, carregada do sentimento de ternura, resistência e sensibilidade revolucionária sob a prática de Jesus Cristo Encarnado e Libertador.

1 JUVENTUDE E VIOLÊNCIA

Rúbia Nascimento³

Dany Barbosa⁴

A juventude, na condição de mais prejudicada entre os prejudicados, tem um papel crucial no processo de transformação. Não porque é futuro do planeta, mas porque, agora mesmo, no presente, tem sido agredida diariamente pelas mais diversas faces dessa lógica perversa que eleva o lucro sobre a vida, prioriza o consumismo em detrimento do bem estar, valoriza o individualismo e a competitividade contra a coletividade e a cooperação e, o que é pior, convence muita gente de que “não tem jeito mesmo, sempre foi assim e continuará sendo”.

Sendo a mais prejudicada entre os prejudicados, a juventude não pode esperar que

³ Membro da Comissão Nacional da Campanha Contra a Violência e Extermínio de Jovens e da Comissão Nacional de Jovens da PJMP.

⁴ Engenheira Eletricista (UFRN), Secretária Diocesana do Setor Juventude da Arquidiocese de Natal e Assessora Regional da PJMP-NE2.

alguém faça algo por ela ou para ela. Por mais que aconteçam ações em benefício da juventude que não tenham sido construídas e/ ou executadas por ela mesma, só se pode esperar mudanças efetivas se a própria juventude participar.

E a participação não será concedida. Ela precisa ser uma conquista, fruto da organização. Inúmeros exemplos de conquistas que vieram da organização popular poderiam ser citados. Elegendo uma importante conquista latino-americana no campo da educação (já é senso comum que o combate à violência passa pelo investimento em educação), lembra-se: em 2008, a Bolívia alcançou a condição de território livre do analfabetismo, tendo sido o terceiro país da América Latina a fazê-lo. O primeiro foi Cuba, em 1961 e, quatro décadas depois, a Venezuela, em 2005. Entretanto, é evidente que os desafios pela frente ainda são enormes. Se a África é o continente mais pobre financeiramente do mundo, a América Latina é a região (subcontinente) mais desigual. Assim, não é por acaso que “os jovens latinos americanos entre 15 e 24 anos são os que

mais correm risco, em todo mundo, de ser assassinados". E o Brasil, atrás de Colômbia e Venezuela, é o 3º país com mais assassinatos de jovens no mundo. Isso se deve a uma taxa de 51,7 homicídios para cada 100 mil jovens. Taxa essa que entre 1994 e 2004 cresceu a um ritmo maior que o número de assassinatos entre a população total.

Outra informação a esse respeito revela o caráter histórico da perversidade: em cada grupo de dez jovens de 15 a 18 anos assassinados no Brasil, sete são negros. Paralelo a isso, constata-se que mais de uma em cada cinco pessoas da população jovem não estuda nem trabalha. A situação é urgente, chegou ao limite. "A violência não tem só idade. Tem cor, raça, território. As vítimas são os negros, os pobres, os moradores de favelas", afirma a psicóloga Cenise Monte Vicente. Portanto, importa que a mudança aconteça de baixo para cima (até porque se não for assim não será uma mudança) na medida em que as próprias vítimas vão tomando consciência de que seus dramas não acontecem isolados. Pelo contrário, se

articulam numa estrutura mais ampla, que assegura a continuidade de sua aflição como condição para manter os privilégios de uns poucos.

2 VIOLÊNCIA ATRAVÉS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Carla Jordânia de Albuquerque Costa⁵

Atualmente as notícias mais veiculadas nos meios de comunicação são notícias relacionadas à violência. Podemos perceber a banalização da violência pela forma como são apresentadas essas informações nos programas jornalísticos e policiais, com o exagero que a mídia mostra cenas e casos de violência tornando a notícia um espetáculo, deixando de lado, na maioria das vezes, outras notícias de maior relevância.

A mídia passa a ser sensacionalista mostrando crimes, mortes e os problemas da cidade de forma impactante para a sociedade, sem se preocupar com o público que está atingindo. A televisão, em especial, mostra a violência em sua forma pura, usando vários elementos para compor

⁵ Graduanda de Comunicação Social (UERN), Coordenadora do Pró-Jovem (Grossos-RN) e Membro da Comissão Diocesana da PJMP - Diocese de Mossoró-RN.

a notícia, como entrevistas, imagens e cenas violentas chamando a atenção do público.

O que aconteceu foi uma grande mudança por parte da sociedade e dos profissionais na abordagem de temas relacionados à violência. A televisão, por ser o veículo de comunicação de maior audiência, se encarrega de repassar essas notícias, principalmente em telejornais e programas policiais de maneira exaltada, comprometendo a divulgação da informação.

Diariamente temos contato com a violência, todos os dias os meios de comunicação repassam notícias violentas sem se preocupar com o conteúdo e a forma como essa notícia é mostrada, divulgam notícias de fatos violentos com tanta ênfase, tornando, assim, a comunicação sensacionalista.

Sendo assim, surge uma questão a ser analisado: Qual o real objetivo da veiculação desse tipo de notícia?

Na grande maioria das vezes a intenção é somente obter altos índices de audiência, produzindo as notícias de maneira padronizada,

com tratamento superficial, sem se preocupar com a receptividade da notícia, com abordagens vazias, sem muita informação, tornando comum a violência, um dos fenômenos mais preocupantes da sociedade, deixando de lado o principal, que é informar o público.

Por esse motivo se faz urgente uma modificação nos meios de comunicação que mostram a violência de qualquer forma, não atentando para o fato de que o telespectador, ouvinte ou internauta procura a mídia para se manter informado. Apesar da efervescência da internet, a maioria das pessoas se pauta pela televisão e outros meios de comunicação e se depara com programas específicos tratando a violência de forma explícita.

A mídia, por ser uma grande formadora de opinião, deveria tratar e abordar a violência de maneira mais moderada sem tantas repetições, assumindo, assim, seu papel de informar sem se preocupar apenas com a sua aceitação e audiência.

3 VIOLÊNCIA CONTRA A FAMÍLIA

Wilma Mesquita de Almeida⁶

Ao longo dos últimos anos a violência tem se tornado um problema constante no meio familiar, afetando os valores da juventude. Segundo Luiz Eduardo Soares, no Brasil jovem pobre e negro do sexo masculino entre 15 e 24 anos são recrutados pelo tráfico de armas e drogas. O crime se organiza e penetra as instituições públicas, as polícias tem sido, com frequência, inaceitáveis, ineficientes e, muitas vezes, desrespeitosas dos direitos humanos e das leis em que cabe defender. A maioria dos casos de violência na família são associados ao consumo de álcool e de outras drogas, pois essas tornam as pessoas, em alguns casos, mais agressivas, focalizando a violência na família como efeito da quebra de valores que a mesma vem enfrentando nos tempos atuais, sendo fruto da (má) influência da mídia.

⁶ Discente de Pedagogia (UERN), Aluna do Centro Nacional Fé e Política e Coordenadora da Pastoral da Pessoa Idosa (Antônio Martins-RN).

Os jovens são caracterizados pela busca de outras referências para a construção de sua identidade fora da família, como parte de seu processo de individualidade, perante o mundo familiar e social. Heller (1996) comenta que a sensação de estar “em casa”, no mundo moderno, é a experiência parcial da casa, o que permite os filhos em conflito com os pais que se sintam mais “em casa” com seu grupo do que com a sua família, vista como estranho.

A quebra dos valores morais e éticos tornou-se um problema enfrentado pela família, tendo como ponto fundamental os meios de comunicação, sobretudo da televisão e da publicidade, criando referências de identidade que muitas vezes a família não é capaz construir. A formação da identidade, para os jovens, é um processo penoso e complicado. As referências positivas escasseiam e se embaralham com as negativas. A construção de si é bem mais difícil do que escolher uma roupa. Não é algo que se vista e leve para casa. Uma vez que o interesse por uma camisa de marca, por um tênis de marca

corresponde a um esforço para ser diferente e igual aos outros do seu grupo. Ninguém cria sozinho ou escolhe para si uma identidade como se tirasse uma roupa do varal.

Diante de tais problemas, as perspectivas da juventude na sociedade acabam sendo frustradas pelo capitalismo, a qual seleciona os ditos como “melhores” para compor o mercado de trabalho. É imprescindível dar espaço aos jovens, para que cresçam como pessoas e não como escravos dos meios de produção.

4 VIOLÊNCIA CONTRA O MEIO AMBIENTE

Yure da Silva Paiva⁷

Nos últimos tempos muito se tem falado, noticiado e ouvido acerca da problemática da violência. É praticamente o que divulgam os noticiários, os rádios e televisões em suas manchetes e nas disputas por audiência. Esse tipo de noticiário é o que tem proporcionado destaque entre as emissoras.

Atualmente quando mencionamos o termo violência sabemos que necessitamos especificar, pois o mesmo é uma (triste) realidade que está presente em todos os setores e segmentos da nossa sociedade. Ela tem conseguido invadir os lares, os campos de futebol, as escolas, as comunidades, as favelas, as grandes, médias e pequenas cidades, tirando o lugar daquilo que é o

⁷ Graduado em Filosofia (FAFIC), Especialista em Educação Ambiental e Geografia do Semiárido (IFRN/UAB), Coordenador da ONG Centro Padre Pedro (Janduí-RN), Professor de Filosofia, Sociologia e Ensino Religioso (Rede Privada de Educação) e Assessor Regional das CEB's.

mais peculiar e indispensável para qualquer cidadão, seja ele de qual raça, condição social ou religião que for: a PAZ. Isso sim é o que deveria e deve prevalecer em nossas relações sempre.

Atualmente, outra forma de violência tem assolado e destruído muitas vidas inocentes e indefesas, sem tempo até mesmo de pedir socorro: a **VIOLÊNCIA CONTRA O MEIO AMBIENTE**. Essa prática irresponsável tem aumentado de maneira tal que a própria natureza já começa a mostrar os sinais de seu sofrimento, pois a mesma está sofrendo “como que em dores de parto”. Tal violência tem ocasionado o que se denomina de mudanças climáticas. O aquecimento é tanto que catástrofes naturais passaram a acontecer de maneira frequente. Frente a essa realidade, é que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil através da Campanha da Fraternidade 2011 abordou o tema do aquecimento global e das mudanças climáticas como sendo algo urgente e necessário de discussão não só pelos católicos e cristãos, mas por toda sociedade. Com essa temática, a campanha objetivava “contribuir para a

conscientização das comunidades cristãs e pessoas de boa vontade sobre a gravidade do aquecimento global e das mudanças climáticas, e motivá-las a participar dos debates e ações que visam enfrentar o problema e preservar as condições de vida no planeta”.

Sendo assim, nós que habitamos e compomos o Semiárido Potiguar Brasileiro, necessitamos aprender com a própria natureza as técnicas de convivência com a mesma. Pois, a solução para vivermos de maneira sustentável aqui não é a construção de grandes obras, mas é sim investimento em políticas públicas que possam garantir a permanência do homem, da mulher e do jovem no lugar onde estão, com condições dignas, efetivas e reais de vida.

5 BANALIZAÇÃO DA SEXUALIDADE

Jucilene Dias⁸

Nos últimos tempos a sexualidade vem ganhando um grande espaço na sociedade e bem fortemente na mídia. É possível ver e ouvir diariamente sobre sexo, mas esse assunto deixou de ser tratado a sete chaves. Será que isso tem ajudado ou atrapalhado a vivência da sexualidade?

De um lado, vivifica-se o corpo da mulher como uma mercadoria e de fácil acesso, culminando, assim, para um aumento visível do número de casos de Doenças Sexualmente Transmissíveis, gravidez precoce e indesejada e abortos. Por outro lado, as controvérsias poderão mostrar que o que se apresenta na mídia apenas mostra e influencia ao uso descabido e irresponsável do sexo, não dando suporte a maiores informações, nem dando apoio para uma

⁸ Graduada em Matemática (UERN), Especialista em Saúde Coletiva (FIP) e Militante do Movimento Feminista.

educação sexual pautada no respeito e na vivência da sexualidade com responsabilidade.

De certo não se coloca aqui que tudo que se mostra hoje pela mídia, referente à sexualidade, é ruim. Não. Muitas coisas mudaram durante todo esse tempo, o diálogo tem sido menos repressivo em casa e a luta pelo abatimento do homofobismo, entre outros tem sido tema em alguns momentos. A verdade é que o progresso científico também colaborou para a revolução sexual, principalmente quando a criação dos anticoncepcionais conseguiu separar o ato sexual da procriação. O prazer sexual, enfim, poderia ser vivido com toda a liberdade com a inibição total da fecundidade.

Há, assim, uma supervalorização da dimensão prazerosa da relação sexual no ato copular. Acompanhada de uma mentalidade individualista, hedonista, num mundo marcado pela ideologia neoliberal, a mentalidade contra a natalidade cresce nos países desenvolvidos.

O mercado econômico descobriu que sexo é produto altamente vendável. Direta ou indiretamente, a sexualidade tem sido

instrumentalizada comercialmente. Não apenas o mundo começou a assistir a uma exploração explícita do mercado pornográfico (filmes, revistas, objetos eróticos, tráfico negro de mulheres, prostituição infantil, motéis, sex shops), como também as grandes agências publicitárias e de marketing descobriram que os produtos com cores específicas, formas associadas ao mundo do sexo, vendem. "Surgiu toda uma indústria para planejar a imagem das mercadorias e as estratégias de venda; a propaganda tornou-se uma mediação fundamental entre a cultura e a economia". Foi por esse aspecto que lembrou o Papa Bento XVI, que esse tipo sexualidade colocada pela mídia também leva "à degradação das mulheres (a desvalorização da mulher, ultimamente do homem também, pela manipulação de sua imagem), ao enfraquecimento da fidelidade no casamento e até ao abuso de crianças". (REUTERS, 2008).

Concluo aqui colocando que a sexualidade é uma das maiores dimensões da humanidade e ela se configura com maior ênfase cultural, pois tudo atinge e está em volta da sexualidade. São

padrões, comportamentos e até atos que estão acometidos pela sexualidade. A sexualidade enquanto um caminho de prazer é fonte natural de satisfações, pode atender parte dessa demanda, mas jamais completamente, porque a experiência de satisfação inclui sempre uma falta. Ela é também a experiência de um vazio, no sentido de que nunca se completa. Essa é uma característica própria da sexualidade humana (CARIDADE, 1998).

REFERÊNCIAS

DIAS, Francisca Jucilene. **Um resgate histórico dos mitos e tabus sexuais das jovens entre 18 e 29 anos do bairro Quixabeirinha**. Mossoró, RN: FIP, 2011.

FERREIRA, Wagner; CLEDIMAR. **A revolução sexual: o mercado econômico descobriu que sexo é produto altamente vendável**. Aulas de Moral Sexual Disponível em: <<http://www.cancaonova.com/portal/canais/formacao/internas.php?id=&e=5632>> Acesso em: 14 set. 2011.

PAPA critica banalização da sexualidade na mídia. **Observatório da Imprensa**, ano 16, n. 657, 30 de agosto de 2011.

6 ESPIRITUALIDADE PARA UMA AÇÃO TRANSFORMADORA

Isa Maria da Silva Câmara⁹

Devido à má situação do mundo, morrer alienado com todos os sacramentos e na santa paz, seria para mim vergonha e castigo. (BOFF, 2010)

Cristãos e cristãs envolvido/as com as Pastorais Sociais enfrentam, cotidianamente, situação de miséria, opressão e violência nos níveis: econômico, político, social, cultural e de gênero. Ou seja, uma realidade marcada pela injustiça institucionalizada.

Esse enfrentamento supõe situações de conflito e embates políticos, pois no seu compromisso com o estabelecimento de uma sociedade justa e solidária, esses agentes de pastoral associados a outros movimentos sociais

⁹ Graduada em Geografia (UERN), Coordenadora Diocesana das CEB's (Mossoró-RN) e Membro da Cáritas Diocesana (Mossoró-RN).

mexem em interesses de grupos privilegiados ou que não desejam que haja mudança.

O campo de ação das Pastorais Sociais é, pois, conflito, porque elas se movem em situações de “fronteira” e de “deserto”. Agindo nestes campos, os cristãos são chamados a manifestar a presença de Deus revelado em Jesus Cristo e a atualizar a sua presença, posicionando-se segundo os critérios da ação de Jesus.

O cultivo da mística e da espiritualidade, individual e comunitária, nos desperta e nos mantém no serviço da caridade. Aponta para o compromisso com Jesus e o seu Reino.

6.1 MÍSTICA E ESPIRITUALIDADE

Fala-se muito em mística e espiritualidade, mas “não é fácil definir exatamente o que é mística e espiritualidade”. Embora não seja de compreensão unívoca, mística se liga às motivações profundas, aos valores que movem a pessoa a partir de dentro, capazes de gerar ações em prol de outrem ou da comunidade como um

todo. Embora não tenha necessariamente uma origem religiosa, a mística é ampla, diversificada e mobiliza a pessoa a entregar-se a uma causa, chegando, se necessária, à entrega de vida.

Quando se fala de espiritualidade no âmbito das Pastorais Sociais pretende-se tratar daquilo que sustenta agentes e lideranças que assumem a tarefa de agir em nome da Igreja em espaços onde a vida é ameaçada e espera ações que transformem essa realidade de morte em sinais do Reino de Deus, ou seja, ações que recuperam, devolvem a vida e a esperança àqueles que se encontram na sombra da morte.

Embora distintas, a mística e a espiritualidade se relacionam e se alimentam. A mística é a opção fundamental, a decisão que cada um e cada uma toma em favor de quê e de quem gastar a própria vida. A espiritualidade é o que sustenta essa decisão, o que alimenta, não deixa esmorecer aquela atitude fundamental. É viver segundo o Espírito. Dessa maneira, espiritualidade não é algo já pronto. É um caminhar na história. Neste sentido pode-se dizer que a mística dos

envolvidos com as Pastorais Sociais é a mística da defesa e do cuidado da vida, nas várias áreas onde ela é ameaçada. A espiritualidade é a energia que brota do encontro pessoal com Jesus, numa convivência com os pobres e atenção à Palavra de Deus e na participação da celebração da Eucaristia.

6.2 ESPIRITUALIDADE NO CONFLITO

A oração e a espiritualidade não são feitas de momentos pacíficos, nem são ilhas de alienação que nos distanciam da história e de seus processos conflitivos. Grandes místicos narraram suas batalhas espirituais, pois é na oração que se travam os embates mais fortes na perspectiva da fidelidade ao Reino.

A experiência de Jesus, diante da sua “hora” é emblemática. É na hora do conflito, da presença obscura da morte, que Jesus se retira em oração. E trata-se de uma oração dramática, de fazer suar sangue, pois é a hora decisiva. É a hora de comprovar a fidelidade ou abandonar o projeto de Deus.

Muitos cristãos e cristãs das Pastorais Sociais passaram ou estão passando por estes momentos. Um grande número teve a mesma sorte de Jesus: o martírio. Eles suportaram a dor, o sofrimento, a perseguição, a injustiça, a calúnia porque estavam firmemente ancorados na fé sustentada pela espiritualidade, cultivada no dia-a-dia. Muitos enfrentaram a morte e seu sangue foi derramado pela causa da justiça, certos de que a morte não era o fim. Do mártir Romero, temos a explicitação dessa confiança: *“Ressuscitarei na luta do povo”*.

Não são poucos os exemplos de homens e mulheres comprometidos com a caminhada pastoral de libertação que relatam os tempos de crise, de trevas e de tentações: de abandonar o caminho, de seguir uma vida mais fácil, de acomodar-se.

Uma espiritualidade autenticamente cristã integra o conflito, pois ela é o espaço de discernimento, de confronto entre os valores do Evangelho e os “valores” do mundo, além de sustentar a prática dos cristãos e das pastorais.

7 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UM ASSUNTO NOSSO

Romana Barros da Silva¹⁰

A violência é um tema de grande repercussão nos diversos meios de comunicação e espaços em que se discutem as problemáticas sociais. A visibilidade de alguns tipos de agressões tem aumentado e a sociedade passa a encarar esse debate de um modo mais direto – entretanto, a invisibilidade de determinados tipos de violência ainda é posto como tabu devido a fatores históricos e culturais. Neste sentido se faz extremamente necessário o questionamento de como o combate a violência está sendo realizado e quais os resultados obtidos. Estamos tratando a violência desde a sua origem? Estamos erradicando um problema ou criando outros? O Estado está cumprindo seu papel? E você, que tipo

¹⁰Graduada em Ciências Sociais (UERN), militante da Consulta Popular, atua na assistência técnica às mulheres rurais pelo MDA/CF8, desenvolve pesquisas na área de questão agrária, gênero e educação.

de relações está estabelecendo com as pessoas a sua volta?

Manifestando-se de várias formas – agressões físicas, psicológicas, sexual, patrimonial, moral, verbal, entre outras – a violência tolhe a autonomia do indivíduo, impelindo-o a se sujeitar ao(s) agressor(es), que impõe uma situação hierárquica de poder sobre a pessoa agredida. Fazemos parte de uma sociedade capitalista, e seguindo a lógica desse modelo produtivo as relações estão baseadas na exploração e no lucro, aspectos naturalizados pelo senso comum e reproduzidos consciente e inconscientemente. A violência passou também a ser naturalizada e só é percebida quando se manifesta de uma forma extrema.

Entre as inúmeras faces em que a violência se apresenta, salientamos a sexista como um dos debates fundamentais no âmbito de combate e erradicação da violência, tanto na esfera pública quanto na esfera privada. Este tipo de agressão – que geralmente é velada devido às marcantes características patriarcais arraigadas no (in)

consciente coletivo – atinge grande parte das mulheres seja no meio familiar, profissional ou outro meio social onde estejam inseridas. A violência contra a mulher resulta da desigualdade nas relações de poder entre homens e mulheres, e que até bem pouco tempo era assegurada por lei (é isso mesmo, assegurada por lei!). Apenas no último século esse tipo de violência foi reconhecida no Brasil, passando assim a ser combatida tanto pela sociedade quanto pelo estado – resultado da luta do movimento feminista juntamente com outros movimentos sociais, que possibilitou o reconhecimento da mulher como sujeito de direito.

No Brasil, a prevenção e o combate à violência contra a mulher passou a ter amparo legal a partir da implementação da Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006 (Lei Maia da Penha)¹¹. A partir desse momento, por meio de mecanismos judiciais as mulheres puderam se sentir mais seguras para denunciar a violência da qual são vítimas. Porém, como as agressões contra as

¹¹ Para mais informações sobre a história de Maria da Penha e sua luta a favor do combate a violência contra as mulheres veja o site: www.mariadapenha.org.br.

mulheres têm sua base nas relações sociais de desigualdade (estrutural), validadas por aspectos machistas, culturais e políticos, o direcionamento de uma lei para combatê-las – embora seja de singular importância – não é o suficiente para extingui-las, pois ainda permanece alarmante o número de vítimas da violência sexista.

Para a mudança dessa realidade se faz necessária uma mudança no sistema de organização da sociedade, de modo que as relações passem a ser alicerçadas na igualdade e no respeito à diversidade. Conscientes do nosso papel de produto e ao mesmo tempo produtores e produtoras da realidade social, podemos mudar as relações vigentes compreendendo que este processo não é simples nem rápido, mas totalmente possível – especialmente quando feito coletivamente. Nesse sentido nos cabe mais um par de questionamentos: existe justiça social sem alteração das relações desiguais entre homens e mulheres? E a violência contra mulher, é assunto de quem?

8 JUVENTUDE NO MUNDO DO TRABALHO

Clayton Antônio de Miranda Oliveira¹²

Lauro Júnior¹³

O trabalho é uma realidade muito importante na vida humana. A palavra “trabalho” tem sua origem no vocábulo latino “tripaliu” que era a denominação de um instrumento de tortura na antiguidade. Ao longo do tempo, mais precisamente com a Revolução Industrial, passou a ser definido num sentido mais genérico, no qual conhecemos hoje.

Temos que o trabalho é essencial para o funcionamento das sociedades. O trabalho é responsável pela produção de alimentos e outros produtos de consumo da sociedade. Sendo assim, sempre existirá o trabalho. O conceito, a classificação e o valor atribuído ao trabalho são

¹² Engenheiro Eletricista (UFRN), Mestrando em Sistemas de Comunicação e Automação (UFERSA), Professor do IFRN e Assessor Diocesano da PJMP (Mossoró-RN).

¹³ Educador Físico (UFRN), Membro da Comissão Regional da PJMP-NE2 e Assessor Diocesano da PJMP (Natal-RN).

sempre questões culturais. A forma como uma sociedade decide quem vai organizar o trabalho e quem o realizará; e a forma como o produto, a riqueza, produzida pelo trabalho é distribuída entre os membros da sociedade, determina as divisões de classes sociais. O trabalho é, talvez, o principal fator que determina a sociedade, suas estruturas e funcionamento; o inverso também é verdadeiro. Assim, enquanto existir uma sociedade, existirá trabalho, pois aquela não pode existir sem esta.

Não podemos esquecer que o trabalho também é uma característica da vida divina. Cremos num Deus trabalhador, que atua não apenas na Criação, mas também na providência, no sustento e na conservação do mundo. Conforme o registro de João 5,17 Jesus disse: "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também". Nós, seres humanos, fomos criados para trabalhar: não só, mas também para trabalhar.

E a juventude? O que tem a ver com isso? Ora, o jovem é quem mais precisa de trabalho. Este é a sua forma de encontrar sua "independência", é sua meta, seu objetivo. O

trabalho diz muito sobre o que o jovem quer ser, das suas convicções, dos seus sonhos, da forma como quer contribuir com o mundo. Podemos afirmar ainda que o trabalho é a porta de ingresso para sociedade.

Mas o que se tem visto por aqui no Brasil é o agravamento da situação de trabalho para a juventude brasileira. Faz-se necessário uma ampla avaliação das políticas sociais em curso. Pois o que se percebe é a incapacidade de gerar ocupações para todos que ingressam no mercado de trabalho, e o jovem vem sendo o principal afetado negativamente por essa situação.

De um lado, os constrangimentos atuais do sistema nacional de ensino dificultam o avanço da escolaridade com qualidade para juventude, assim como a contida expansão econômica obstaculiza a ascensão social por intermédio do emprego. De outro, a crise de reprodução social produz um quadro geral de desânimo juvenil, cada vez mais influenciado pelos apelos do exercício das atividades ilegais.

O enfrentamento da temática social impõe um novo olhar sobre as ações públicas para a juventude. O que se fez até aqui se mostra insuficiente, quando não equivocado. Urge rever as dezenas de políticas governamentais voltadas para a juventude no país, seja pela baixa escala, seja pelo contido tempo de atendimento. Diante da atual complexidade na transição do sistema escolar para o mundo do trabalho, cabe perfeitamente uma maior atenção do Poder Público, bem como de toda a sociedade, tendo em vista o descompasso entre o que a juventude poderia ser e o que realmente é no Brasil.

Para encerrar, quando pensamos num modelo de trabalhador ideal, enxergamos Jesus, que desenvolve um trabalho intelectual, imprescindível à vida da comunidade, mas também ganha o sustento com o trabalho de suas mãos. É o que se vê nas vidas de Jesus (o carpinteiro), Paulo (o fazedor de tendas) e Pedro (o pescador), por exemplo.

REFERÊNCIAS

FILHO, Paulo Severino da Silva. **O Trabalho na visão bíblica.** Disponível em: <http://www.emater.mg.gov.br/doc/intranet/upload/TRANSFORMAR_LEITURA/situa%C3%A7%C3%A3o_do_jovem_no_mercado_de_trabalho.pdf>. Acesso em: 15 set. 2010.

9 LIDERANÇA COMO FORMA DE COMBATER O EXTERMÍNIO DE JOVENS

Sale Mário Gaudêncio¹⁴

9.1 INTRODUÇÃO

Apresenta discussão sobre a questão da liderança em áreas empobrecidas. Utiliza o documento como instrumento de debate e de orientação junto ao processo formativo da PJMP da Diocese de Mossoró-RN. Apresentarão em suas seções aspectos conceituais relatos de experiências e revisão literária sobre as questões que motivam esta reflexão. Conclui fazendo um olhar conjuntural do processo de liderança como forma de transforma a realidade juvenil contribuindo contra o extermínio de jovens, e neste caso, do jovem empobrecido e excluído.

¹⁴ Bacharel em Biblioteconomia e Documentação (UFRN), Especialista em Gestão Educacional e da Criatividade (FIP), Bibliotecário e Coordenador Editorial (UFERSA) e Assessor da PJMP Diocesana (Mossoró-RN).

9.2 LIDERANÇA

Para Maximiano (2009, p. 192) a liderança observa que:

A pessoa que desempenha o papel de líder influencia o comportamento de um ou mais liderados. Só há liderança quando há liderados que seguem o líder, ou aceitam sua influência, por algum motivo. Se quiser desenvolver suas competências como líder, você deve entender as motivações das pessoas que pretende liderar.

Na visão de Gil (2009, p. 220) “liderança [...] é [...] a forma de direção baseada no prestígio pessoal e na aceitação [...]”.

Para Freire (2009, p. 59) liderança pressupõe autonomia, que ao seu ver pode ser entendida sob a seguinte ótica: “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”.

Para os movimentos sociais organizados, as pastorais sociais e neste caso da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), a liderança

sempre esteve aliada a duas temáticas: Juventude como fermento na massa e o protagonismo exercido pelos jovens.

O líder do meio popular, essencialmente ele junta, agrega, organiza, media processos, articula ações, trava o embate político de forma propositiva e responsável, ele ocupa e luta por espaços de participação.

Ele, essencialmente é assim, mas ao longo dos anos, este mesmo jovem que lutava por dias melhores e identificava-se como empobrecido, agora está passando por profunda crise de identidade.

De acordo com Giddens (2008, p. 43), "O conceito de identidade na sociologia é multifacetado e pode ser abordado de inúmeras formas. De modo geral, a identidade se relaciona ao conjunto de compreensões que as pessoas mantêm sobre quem elas são e sobre o que é significativo para elas."

Por isso:

a **identidade social** refere-se às características que são atribuídas a um

indivíduo pelos outros. Elas podem ser vistas como marcadores que indicam quem, em um sentido básico, essa pessoa é. [...] São exemplos de identidades sociais, o estudante, a mãe, o advogado, o católico, o sem-teto, o asiático, o disléxico, o casado, e assim por diante. (GIDDENS, 2008, p. 44).

Não identificar-se a um grupo, significa renegar a sua própria identidade e o meio social no qual o jovem está inserido. Assim, o fato de “não pertença” pode influir dentre muitos aspectos na criminalidade. Não pertencer significa renegar sua própria história. Um ator social ao excluir-se do seu grupo, distancia-se do mesmo e dificilmente consegue encontrar acolhida em outro grupo social, ficando assim “ilhado” e sem identidade. Ou seja, ele está no meio popular, mas não consegue se identificar como empobrecido. Por isso, em sua maioria, seus anseios estão sofrendo mutações quase que genéticas.

Então, como liderar pessoas ou consolidar equipes ou grupos numa perspectiva libertária se os mesmos não se identificam com a classe

empobrecida e na maioria das vezes oprimida? Como retomar o debate em torno de práticas que favoreçam o fortalecimento da juventude empobrecida?

Para muitos, este é um debate antiquado, mas se é, por que os críticos que “vomitam” repetição temática da discussão ainda não ajudaram a resolver o problema da ausência de líderes juvenis que percebam a importância de ser fermento na massa? A juventude do meio popular precisa ser percebida, entendida, ouvida e transformada a partir de sua realidade, mas ela não pode fazer isso sozinha. Por isso, a liderança em áreas empobrecidas apenas ecoa se houver militantes capazes de favorecer espaços para descobrir novos protagonistas juvenis.

9.3 A JUVENTUDE EMPOBRECIDA E OPRIMIDA

Para Oliveira et al. (2010, p. 71):

A juventude não pode ser tratada genericamente. Os problemas por ela vividos, seja numa grande metrópole, seja numa pequena cidade do interior,

seja no meio rural, não são vividos de forma homogênea por todos os jovens. O lugar que cada um ocupa na sociedade determina desejos, experiências, necessidades.

Nesta mistura de locus, está a juventude do meio popular e oprimida, que carrega anseios, dúvidas, sonhos, vontade de ver “uma outra periferia possível!”, onde os direitos básicos sejam respeitados e colocados a disposição de todos.

9.3.1 Dores manifestadas em extermínio

Ao fazer uma análise local, a cidade de Mossoró-RN, atualmente é a cidade que mais cresce no estado, seja através da economia, população ou até da criminalidade. Tudo é diretamente proporcional. Um dado que ilustra esta informação, é que até o dia 23 de junho de 2011, já registrava-se 107 mortes na cidade (O CÂMERA, 2011), praticamente triplicando os números apresentados em 2006 para todo o ano. Segundo os mesmos números, na sua grande maioria, são jovens com faixa etária de 14 a 29

anos. Significa dizer que a população economicamente ativa da cidade está sendo dizimada.

Caso não seja favorecida uma estratégica política pública voltada para juventude empobrecida, na próxima década, a cidade poderá precisar importar mão de obra, pois a própria cidade não terá pessoal qualificado para funções de alta ou baixa complexidade.

Este é ainda, apenas um único olhar. Se analisarmos esta situação do ponto de vista antropológico, o ato de não favorecer políticas transformadoras e emancipatórias, poderá influir diretamente na perpetuação cultural e social da história local, pois, serão pífios os grupos sociais que poderão dar sequencia a história da cidade, principalmente porque hoje encontra-se neste ambiente um espaço cosmopolita.

9.3.2 Superando as dores e alcançando a libertação

Para Freire (2010, p. 38) "A libertação [...] é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos".

Para Paiva e Oliveira (2004) os jovens do meio popular devem se tornar sujeitos de sua própria libertação! É preciso ter a coragem de negociar, organizar, dialogar e se preciso for, furar o bloqueio das intransigências que a dureza da realidade nos impõe, no meio da sociedade e dentro da igreja.

Superar estas barreiras é propósito que a PJMP tem encampado e que inclusive tem ocorrido dentre muitos fatores, por conta do contexto de exclusão e desigualdade social que persistem, "graças" ao sistema capitalista de consumo, empoderamento dos meios de comunicação de massa, o narcotráfico, a perda dos valores familiares e da corrupção. (CÂMARA et al., 2011).

Um exemplo nítido de enfrentamento está com Grupo de Jovens da Comunidade Santo

Antônio, localizado na periferia de Mossoró-RN e que no ano de 2010 foi para o embate propositivo e conseguiu reunir em um congresso mais de 100 jovens para discutir a vida da comunidade a partir de seu extermínio. Apesar de ouvir de um adolescente de 10 anos em uma oficina que segundo ele “Professor, meu destino é ser marginal.” (DEPOIMENTO A, 2010), viu-se que semanas após o término do congresso, muitos outros jovens tinham aderido ao grupo promotor da atividade e começava a ver o quanto aquele evento tinha sido importante para sua vida, pois, além de refletir sua realidade, os mesmos começavam a vislumbrar saídas. Havia uma luz no fim do túnel. “Tinha ido pra lá por causa da festa do sábado que haveria. Saí de lá vendo que a festa e o ‘ficante’ foi o menos importante”.

Encontrei pessoas que me acolheram como eu sou, me deram a mão e agora eu estou no grupo. Não quero sair mais!”. (DEPOIMENTO B, 2010).

Portanto, vê-se que estas ações de liderança coletiva, mudaram a vida de muita gente, e é isso

que a PJMP precisa favorecer ainda mais. É preciso ir ao encontro e contribuir para mudar as pessoas, não mais o meio. É a pessoa acolhida e reabilitada que deve tentar transformar o meio. Por isso, é necessário favorecer a liderança em todas as suas dimensões e com todos agentes e/ ou atores sociais.

9.4 CONCLUSÕES

Conclui-se que o ato de liderar não é algo isolado, nem de responsabilidade individual, é algo essencialmente coletivo, onde o jovem, o assessor e a comunidade precisam exercer esta dinâmica e competência nas suas relações sociais e políticas, dentro ou fora dos limites físicos da igreja.

No entanto, a conjuntura atual não favorece a juventude empobrecida espaço para o debate. Agrava-se a isto o fato de não terem referências domésticas e sociais que reflitam o sentimento e vontade plena de mudança e transformação social. Portanto, a liderança numa perspectiva pastoral e em suas comunidades eclesiais de base, deve ser

encarada como forma de transformar, gerar autonomia e consolidar espaços de libertação. A liderança, quando bem trabalhada pode contribuir para minimizar o extermínio de jovens.

REFERÊNCIAS

107º CRIME de homicídio em Mossoró em 2011. Disponível em: <<http://www.ocamera.com.br/site>>. Acesso em: 24 jun. 2011.

BROSE, Markus (Org.). **Lideranças para a democracia participativa:** experiências a partir da teologia da libertação. Goiânia: UCG, 2008.

CÂMARA, Hilar Ruth da Silva et al. **A Juventude quer viver:** PJMP, na luta contra o extermínio de jovens. Mossoró, RN: PJMP, 2011. Projeto de captação de recursos.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, Antonio Carlos. O Papel de Líder. In: _____. **Gestão de pessoas:** enfoque nos papéis profissionais. São Paulo: Atlas, 2009

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. Liderança. In: _____. **Introdução à administração.** São Paulo: Atlas, 2009.

PAIVA, Antônio Murilo de; OLIVEIRA, Íris Maria de. **A PJMP.** Parnamirim, RN: PJMP, 2004. Cartilha dos 25 anos da PJMP.

ANEXO A – SITES INTERESSANTES

ADITAL – NOTÍCIAS DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE

<http://www.adital.com.br>

CÁRITAS BRASILEIRA

<http://caritas.org.br/novo>

CENTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR DO INSTITUTO CEDES SAPIENTIAE

<http://www.sedes.org.br/Centros/Cepis/layout.htm>

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA

<http://www.cptnacional.org.br>

COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunidades_Eclesiais_de_Base

CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE

<http://www.juventude.gov.br>

FREI BETTO

<http://www.freibetto.org>

INSTITUTO NACIONAL DO SEMIÁRIDO

<http://www.insa.gov.br/>

JUVENTUDE EM MARCHA CONTRA A VIOLÊNCIA E O EXTERMÍNIO DE JOVENS

<http://www.juventudeemmarcha.org>

LEONARDO BOFF

<http://leonardoboff.com>

MAPA DA VIOLÊNCIA

<http://www.sangari.com/mapadaviolencia>

MOVIMENTO NACIONAL FÉ E POLÍTICA

<http://www.fepolitica.org.br>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA

<http://www.unesco.org/new/pt/brasil>

PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR
(NACIONAL)

www.pjmp.org

PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR
(DIOCESE DE MOSSORÓ)

www.pjpmossoro.multiply.com

PORTAL DE MONITORAMENTO, INFORMAÇÃO E
EDUCAÇÃO SOBRE O SEMIÁRIDO BRASILEIRO

<http://www.semiarido.org.br/index.php>

Diocese de Mossoró
Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP)

Rua Pe. João Urbano, 15 - Alto da Conceição

Mossoró-RN - CEP: 59600 - 330

www.pjmpmossoro.multiply.com - pjmpmossoro@gmail.com

(84) 9992-7555 / 9449-8942 / 8841-4114

Formato: 14 x 21 cm

Papel do Miolo: Offset 75 g/m²

Papel da Capa: Cartão Triplex 250 g/m² (Color)

Laminação da Capa: Fosco

Número de Páginas: 54 páginas

Acabamento: Colado e Costurado (Homelt)



www.pjpmossoro.multiply.com